

O *APPENDIX PROBI* E AS CRÍTICAS ÀS VARIAÇÕES DA LÍNGUA LATINA: POSSÍVEL ORIGEM DA VALORIZAÇÃO DA NORMA PADRÃO

Daniella Tavares Potrique¹

RESUMO

O presente trabalho visa compreender o que era o *Appendix Probi*, expor as razões das variações que ocorreram na língua latina e relacionar essas variações ao documento, demonstrando as possíveis razões de sua escrita. Para atingir tais objetivos, além do método comparativo entre o documento e o cenário de sua produção, realizamos um estudo bibliográfico. Como embasamento, contamos com os autores ARAÚJO (2012), BEVILAQUA (2014), BOTELHO (2010), CARRIE (2010) e SILVA NETO (1988). Entendemos que a língua e suas mudanças, ou resistências a essas mudanças, estão relacionadas ao meio no qual estão inseridas. Portanto, esclarecer questões como o contexto histórico e cultural permitem a compreensão mais ampla das possíveis razões de um documento como o *Appendix Probi* ter sido escrito.

PALAVRAS-CHAVE: *Appendix Probi*; Língua Latina; Variação Linguística; Latim Vulgar; Norma Padrão.

APPENDIX PROBI AND THE CRITICISM OF LATIN LANGUAGE VARIATIONS: POSSIBLE ORIGIN OF THE VALUE OF THE STANDARD LANGUAGE

ABSTRACT

The present work aims to understand what the *Appendix Probi* was, to explain the reasons for the variations that occurred in the latin language and to relate these variations to the document, showing the possible reasons for its writing. To achieve these objectives, in addition to the comparative method between the document and the scenario of its production, we carried out a bibliographic study. As a basis, we have the authors ARAÚJO (2012), BEVILAQUA (2014), BOTELHO (2010), CARRIE (2010) and SILVA NETO (1988). We understand that language and its changes, or resistance to these changes, are related to the environment in which they are inserted. Therefore, clarifying issues such as the historical and cultural context allows for a broader understanding of the possible reasons why a document such as *Appendix Probi* was written.

KEYWORDS: *Appendix Probi*; Latin language; Linguistic variation; Vulgar Latin; Standard Language.

INTRODUÇÃO

Por vezes, o estudo crítico e reflexivo da antiguidade é visto pela contemporaneidade como algo ultrapassado ou desnecessário, o que incita uma visão muitas vezes romantizada desse período histórico. Ao contrário, o estudo da antiguidade,

¹ Graduanda do curso de Letras – Português/Literaturas da Universidade Veiga de Almeida (UVA). E-mail: daniellatavares96@gmail.com

com as particularidades de cada área do saber que se dedica a isso, possibilita encontrar as raízes de muitas questões que afetam, até negativamente, a sociedade atual. Partindo dessa perspectiva, a presente pesquisa buscará investigar, no latim, a possível origem da acentuada separação entre a língua escrita e a língua falada, a norma padrão e a popular, além do contexto que envolveu isso.

A fim de validar essa possível origem, na medida em que um assunto da antiguidade permite, temos como fonte principal o *Appendix Probi*. Para auxiliar em sua interpretação, empregaremos os estudos de Ruy Magalhães Araújo, com sua obra **Fontes do Latim Vulgar**, na qual, além de apresentar o *Appendix* no latim original, também faz considerações a respeito desse documento.

A obra **História da Língua Portuguesa**, de Serafim da Silva Neto, foi uma importante fonte teórica para a compreensão das variações que ocorreram no latim em virtude da sua difusão. O que se relaciona com as exposições acerca da evolução dos vocabulários latinos feitas por José Mário Botelho no artigo **Causas e Consequências da dialeção da língua latina: um pouco de história externa da língua portuguesa**. Ainda sobre variação linguística, aproveitaremos a seção que Kayron Campos Bevilaquia trata da questão de que as línguas se modificam naturalmente, em seu artigo **Appendix Probi e variação linguística no português brasileiro**.

Por fim, com o objetivo de oferecer uma análise que ultrapassa a da área linguística, nos beneficiamos das considerações feitas pelo historiador Jean-Michel Carrié a respeito do latim tardio como vulgarismo e barbarização, no texto **Elitismo cultural e "democratização da cultura" no Império Romano Tardio**, traduzido pelo também historiador Deivid Valério Gaia.

Este trabalho se divide em duas partes: uma que tratará da expansão da língua latina e outra que terá como foco o *Appendix Probi* e suas implicações.

A EXPANSÃO DA LÍNGUA LATINA

No período de expansão do império romano, ainda que os povos conquistados mantivessem sua língua regional, qualquer documento oficial era escrito em latim, e a língua latina também era difundida pelo contato dos soldados e comerciantes com as regiões que passavam a fazer parte do império. Em virtude disso:

Os soldados e os comerciantes foram grandes propagadores do latim. Os mercadores circulavam infatigavelmente através das estradas, levando aos agrupamentos urbanos as novidades da cultura romana. Assim foram veículos de expansão linguística, pois com as *coisas* iam as *palavras* que as nomeavam.² (SILVA NETO, 1988, p. 79.)

Além disso, havia um interesse em aprender latim, e essa possibilidade existia, afinal:

Roma oferecia cidadania a todos os povos conquistados; abria academias, onde se ensinava a língua, permitia o ingresso dos cidadãos romanizados às fileiras militares. Enfim, tudo era propício ao uso da língua dos vencedores. (BOTELHO, 2010, p. 2476.)

E essa cidadania que era oferecida instigava a necessidade de aprender o latim porque a característica que mais evidencia um estrangeiro é a sua língua ou a maneira de falar uma língua que não é originalmente sua (SILVA NETO, 1988, p. 80.). Sendo assim, dominar o latim era uma maneira de se diferenciar e ascender socialmente (SILVA NETO, 1988, p. 80.). Então, os jovens, predominantemente, eram os que passavam pelo processo de romanização, eles eram educados em escolas que lhes ensinavam a língua e cultura romana. A respeito disso, Silva Neto explica que:

A escola integrava os meninos indígenas na tradição do grupo latino, conferindo-lhes a tradição escrita da sua cultura. Ao sair dela, o jovem estava inteiramente assimilado: adquirira a mentalidade de um Romano. (1988, p. 80.)

Assim, os jovens dos povos conquistados poderiam aproveitar os benefícios de ser um cidadão romano, já que possuíam conhecimentos sobre a cultura e domínio da língua. Entretanto, ainda que a cultura e a língua do império romano se destacassem sobre as das regiões conquistadas, é possível considerar que havia certa influência no sentido contrário também. Ou seja:

² Grifos do autor.

As línguas substratas exerciam uma relativa influência sobre a língua latina, cada qual, nas diversas regiões conquistadas, de uma forma particular, já que diversas eram as culturas, que acabavam por se submeter à cultura romana em épocas distintas. E como eram os próprios soldados romanos (e romanizados) que disseminavam a língua, a cada região conquistada o latim corrente se caracteriza de forma particular. (BOTELHO, 2010, p. 2476.)

A partir dessas influências externas que ocorriam na língua latina é que surgiram as variações do latim. A língua de documentos oficiais e das obras literárias e filosóficas se pautava no latim tradicional, mas o povo não fala como se escrevia – discussão que ocorre até hoje nas línguas neolatinas. A questão da língua falada e suas variações não possuem registros, mas:

Podemos encontrar alguns vestígios sob forma de citação, ou mesmo diálogos da vida cotidiana. Os latinistas enfim se convenceram que o próprio Cícero, não falava como escrevia e que os escritores do século IV faziam o mesmo. (CARRIE; GAIA, 2010, p. 461.)

Também é válido ressaltar que nem todos os romanos - ou romanizados - eram alfabetizados ou tinham um ensino considerado formal. Ou seja, muitos não dominavam a língua escrita, apenas a falada, o que gerava variações na língua latina. Sobre essa questão, Beviláquia expõe que:

Como essa variedade era a língua falada pela plebe romana em geral, e essa era uma grande parcela da população que não sabia ler ou escrever, é de se imaginar que existam poucos registros escritos, mas os poucos achados dão provas muito interessantes dessa variedade do latim, suscetível às variações e mudanças que ocorrem naturalmente nas línguas naturais. (2014, p. 32.)

Diante deste cenário de mudanças e variações na língua latina, surgiu uma resistência a essa situação que para a atualidade tem comprovação no texto do *Appendix Probi*, o qual será tratado mais detalhadamente a seguir.

O APPENDIX PROBI

O texto que serviu como modelo de fala e escrita correta do Latim, contestando as variações da língua tradicional,

Recebeu o nome de *Probi* decorrente do fato de esta fonte ter sido encontrada anexada a um texto gramatical de Valério Probo, que viveu no século I d.C. e daí terem alguns preferido, inicialmente, a expressão *Appendix ad Probum*. (ARAUJO, 2012, p. 98.)

Como exposto anteriormente, em decorrência da expansão do império romano e da possibilidade de os indivíduos que faziam parte das regiões conquistadas serem cidadãos romanos, a busca pelo conhecimento e aprendizado da língua e cultura romana tornou-se uma movimentação constante entre os jovens. E com isso existia também a preocupação em não cometer desvios no uso do latim. A respeito desse contexto, vale destacar que:

Sobre todos pairariam sempre as excomunhões gramaticais que chegaram até nós através do elenco de formas erradas, conhecido como *Appendix Probi*. Assim, alto e bom som se proclamavam os direitos de *vetulus* contra *veclus*, de *pecten* contra o nominativo vulgar *pectinis*, de *avus* contra *aus*, [...] Especial cuidado se dedicaria a extirpar, como raízes daninhas, pronúncias e expressões regionais ou vulgares: e alguns exemplos desse esforço chegaram até nós. (SILVA NETO, 1988, p. 81.)

O que Silva Neto explica se comprova no texto do próprio *Appendix Probi*, que pode ser encontrado no original latino na obra de ARAUJO (2012):

5. *Vetulus non Veclus* [...] 21. *Pecten non Pectinis* [...] 29. *Avus non Aus*. (p. 99-101.)

Esses exemplos são apenas uma pequena parcela da extensa lista de 227 variações contestadas pelo *Appendix Probi* ao ter como objetivo preservar a maneira tradicional de se falar e escrever as palavras em latim. E, ainda que para o contexto atual dos estudos linguísticos essa atitude conservadora seja comprovadamente ineficaz, visto que as línguas evoluem e se modificam inevitavelmente, tal como as sociedades que fazem uso delas, não se pode desconsiderar o fato de o papel que chamamos de gramático ter origens tão antigas. Nesse contexto:

Como se vê, é da mais alta relevância o papel social e linguístico do gramático, pois a sua atividade representa pujante força de conservação. O seu ensino segue o modelo dos clássicos, dos mestres que imprimiram as obras consideradas perfeitas e acabadas. Assim, o gramático se tornou o mais eficaz representante do espírito romano: zeloso e fiel mantenedor das normas da língua. Era um poderoso dique contra as tendências evolutivas da deriva: mantinha luta constante contra desvios da pronúncia, alterações morfológicas, semânticas ou sintáticas; policiava rigorosamente as palavras e expressões baixas e regionais. (SILVA NETO, 1988, p. 82.)

Assim, pode-se perceber o importante papel social que representavam esses guardiões da língua latina. Tendo como ponto de vista um contexto remoto, é possível compreender que a conservação da língua, sendo propagada pelos territórios conquistados, significava, também, a conservação da cultura, valores e ideias romanos.

Entretanto, ainda que houvesse um cuidado e preocupação de cunho conservador em relação à língua, sabe-se que de nada adiantou a tentativa de evitar a instauração das variedades, que deram origem ao que conhecemos como Latim Vulgar. Latim que, em dado momento, por ser já tão comum e usual, passou a ser o correto. De acordo com o que destaca Carrie: “o que chamamos de <<latim vulgar>> no século XIX foi a língua correta e corrente na Antiguidade tardia” (CARRIE; GAIA, 2010, p. 461)³.

Essa situação contrasta com a preocupação que se tem de ensinar apenas o clássico e o tradicional, quando se trata latim e grego. Visto que:

O ensinamento escolar da <<versão latim>> ou da <<versão grego>> nos liceus europeus recomenda a imitação dos <<bons autores>>, como Cícero por exemplo. Este tipo de aprendizagem só encoraja uma visão velha e fixista das línguas antigas, pois é desnecessário dizer que nenhuma língua é imutável, as línguas mudam constantemente. (CARRIE; GAIA, 2010, p. 461.)⁴

Ainda:

³ Grifos do autor.

⁴ Grifos do autor.

Vale observar que as evoluções podem ser espontâneas, que se dão naturalmente com o uso da língua. (BOTELHO, 2010, p. 2474.)

Situação que ocorreu com o Latim tradicional em virtude da expansão do império. E isolar o estudo dessa língua apenas ao que está nas letras de obras literárias e filosóficas que se pautavam nas normas gera um maior distanciamento entre o latim e as línguas neolatinas que derivam dele. Pois:

A evolução espontânea é o principal elemento causador da formação das línguas românicas; certas características de uma dada língua românica se justificam pela evolução motivada, que se dá por uma necessidade - uma lacuna da língua sentida pelos seus usuários - ou pelo contato com outra(s) língua(s), que provoca o aparecimento de uma novidade. (BOTELHO, 2010, p. 2474.)

Sendo assim, estudar a variação do latim permite uma maior compreensão da formação de cada língua originada do latim, como a língua portuguesa, e ameniza a visão distante que se tem do latim como uma língua arcaica e fixa. A partir disso, notamos que os atuais questionamentos a respeito das normas gramaticais podem e devem ser utilizados para estudar de maneira crítica e reflexiva as letras clássicas, como latim, já que:

Hoje, somos conscientes da necessidade de definir toda língua, não como um sistema de norma única, mas como uma galáxia de subsistemas, de registros, de níveis, de códigos. Somos sensíveis à evidência elementar de que nenhuma língua se fala como se escreve. (CARRIE; GAIA, 2010, p. 461.)

Inclusive, aplicar as atuais teorias e estudos à análise de textos antigos - evidentemente sem deixar de levar em conta aspectos de temporalidade e contexto - seria uma boa maneira de validar e reforçar o conceito de que nenhuma língua é imutável e é o povo falante da língua que gerará as futuras regras, que em dado momento podem ser consideradas desvios.

Conclusão

Por fim, pode-se compreender que a principal razão da escrita do *Appendix Probi* foi tentar evitar que as variações que ocorriam na língua passassem a ser consideradas normais e posteriormente o correto. O indivíduo que escreveu, ou indivíduos que escreveram, esse documento tinha(m) a intenção de perpetuar o máximo possível a forma tradicional de se falar e escrever o latim, levando em consideração as contestações do documento e o contexto no qual ele estava inserido.

Esse tipo de atitude não difere muito do que sempre ocorreu e continua ocorrendo na língua portuguesa, visto que essa, pautada na gramática normativa e na norma padrão ou culta, caracteriza-se por normas que se distanciam, frequentemente de maneira acentuada, da língua que é falada cotidianamente pela maioria da população. Essa separação entre língua escrita e língua falada dá abertura para situações atuais de segregação social, e, após o estudo contextualizado que foi feito a respeito das implicações linguísticas do *Appendix Probi*, torna-se possível notar que esse tipo de segregação tem origens mais remotas do que se pode geralmente imaginar.

Referências Bibliográficas:

- ARAUJO, Ruy Magalhães de. Fontes do Latim Vulgar. **Soletras**, [S.l.], n. 5-6, p. 96-115, dez. 2012.
- BEVILAQUA, Kayron Campos. Appendix Probi e variação linguística no português brasileiro. **Revista Versalete**. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 30-45, jan.-jun. 2014.
- BOTELHO, José Mário. Causas e consequências da dialeção da língua latina: um pouco de história externa da língua portuguesa. **Cadernos do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010.
- CARRIE, Jean-Michel; GAIA, Deivid Valério. Elitismo cultural e "democratização da cultura" no Império Romano Tardio. **História**, Franca, v. 29, n. 1, p. 456-474, 2010.
- SILVA NETO, Serafim. **História da Língua Portuguesa**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
- . **Fontes do Latim Vulgar**. O Appendix Probi. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.